

Paris, 26 de junho de 1926.

Caro Mário,

Espero que esta vá encontrá-lo em plena forma em nossa querida e saudosa Barra Funda, agora para mim tão longínqua.

São 10 horas da noite, da janela vejo passar alguns transeuntes – impossível não pensar em nosso dândi carioca que tão bem retratou as ruas, os becos, as noites, os diversos personagens noturnos e suas histórias marcantes.

Hoje, 5 anos sem João do Rio e eu ainda lamento seu fim prematuro e trágico, e porque não dizer, inesperado. Às vezes, em minha imaginação, eu o vejo flunar na Paris de Haussmann, terno impecável, chapéu, bengala, como fazia no Rio de Pereira Passos e vejo brotar a versão europeia de “A Alma Encantadora das ruas”. Pena ser somente imaginação!

Bem, finalmente é verão, quem sabe ele não afugenta o desalento e o pessimismo que assolam o país? Embora a guerra tenha acabado há quase 10 anos, ainda há uma gota de sangue em cada esquina de Paris, onde muitos choram seus mortos.

Afinal, após uma guerra tão cruel e sangrenta porque não se entregar à fervilhante vida cultural e às delícias do bas-fond, com seus cabarés animados por tantas novidades e exotismo?

No final do ano passado, por exemplo, estreou no teatro Champs Elysées um espetáculo musical “La Revue Nègre”, cuja *troupe*, vinda dos Estados Unidos, é composta por músicos e dançarinos negros que trouxeram com eles o jazz e uma dança vertiginosa, selvagem, diferente de tudo até então. Dançarinas seminuas, com adereços extravagantes, trejeitos exagerados e com um sugestivo erotismo. Foi um sucesso estrondoso!

Dessa *troupe* destacou-se o clarinetista Sidney Bechet, penso em nosso Pixinguinha e com uma ponta de orgulho me pergunto: será que se conheceram? Também Joséphine Baker, a dançarina vedete, deu muito o que falar. O público entre choque e deleite acabou se rendendo e aplaudindo. Sensação e escândalo, posso dizer. Tudo acontece em Paris, estamos no que chamam “*les années folles*”.



Não posso deixar de mencionar os rendez-vous chez Mme Stein – uma judia americana que em 1903 se instalou em Paris, 27, rue de Fleurus, perto do Jardim de Luxembourg. Em seus salons desfila uma novíssima geração de artistas não só franceses, mas também estrangeiros tais como: Henri Matisse, Jean Cocteau, Apollinaire, Ernest Hemingway, James Joyce, Scott F. Fitzgerald, Pablo Picasso, e tantos outros.

Aliás, você iria adorar os jantares maravilhosos oferecidos por Mme Stein e sua companheira Alice B. Toklas, uma exímia cozinheira que conhece como ninguém os segredos para a elaboração de um prato inesquecível. Pergunte a Tarsila, soube que ela esteve chez Mme Stein com Blaise Cendrars, ela poderá confirmar.

Esses encontros Mário, muito me lembram nossas deliciosas tertúlias principalmente na casa da Lopes Chaves, sempre recheadas com música e poesia e com o Grupo dos Cinco liderando as várias discussões sobre o destino das artes no Brasil. Que saudade! Espero que estejam todos bem.

Quase esqueci de dizer uma coisa muito importante: fui ver a exposição de Tarsila na Galeria Percier, gostei muito e parece que os franceses também estão gostando. Que alegria saber que uma artista brasileira tem sua obra reconhecida no exterior! Infelizmente não a vi, justamente naquele dia ela havia saído com Oswald.

Por falar em Tarsila, lembro-me bem das visitas que fazíamos ao Louvre – horas e horas contemplando as maravilhas do mundo antigo, encantadas com tanta beleza, quase que paralisadas diante de alguns quadros que conhecíamos de “ouvir falar”. Éramos tomadas por uma forte emoção que não raro nos levava às lágrimas. Lembro-me bem que Tarsila ficou fascinada por um quadro de 1800, *Portrait d'une Nègresse*, pintado por uma mulher, o que não era comum naquela época. Ao me deparar com seu quadro *A Negra*, de 1923, pergunto-me: teria Tarsila se inspirado nessa obra?

Ainda e sempre Tarsila, recordo com saudade de tantas escapadas noturnas, sobretudo de nossas longas conversas nas escadas da Saint-Étienne até a chegada de Zelda e Scott em seu reluzente Peugeot Type, e com eles partíamos em cortejo pela cidade adormecida. Cada noite era uma surpresa: diversas festas extravagantes e grandiosas, além de nos iniciar em tantos cabarés de reputação suspeita, tudo regado a muito álcool. Mlle Cinema de Costallat que o diga!



Sem mais para o momento, me despeço pois já estou me sentindo a própria Mme de Sévigné dos trópicos. Aguardo novidades suas e de todos que aí permaneceram, quero saber como estão e quais foram os desdobramentos da Semana de Arte Moderna. Responda logo.

Afetuosamente,

Evangelina

P.S. Mário sinto muito sua falta, quando vai criar coragem e me visitar?

Por Marina Gugliotti Pestana e Marta Regina Saia

